



FRANCISCO PALHA



JULIO CESAR MACHADO

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

COMBOIO FUNEBRE

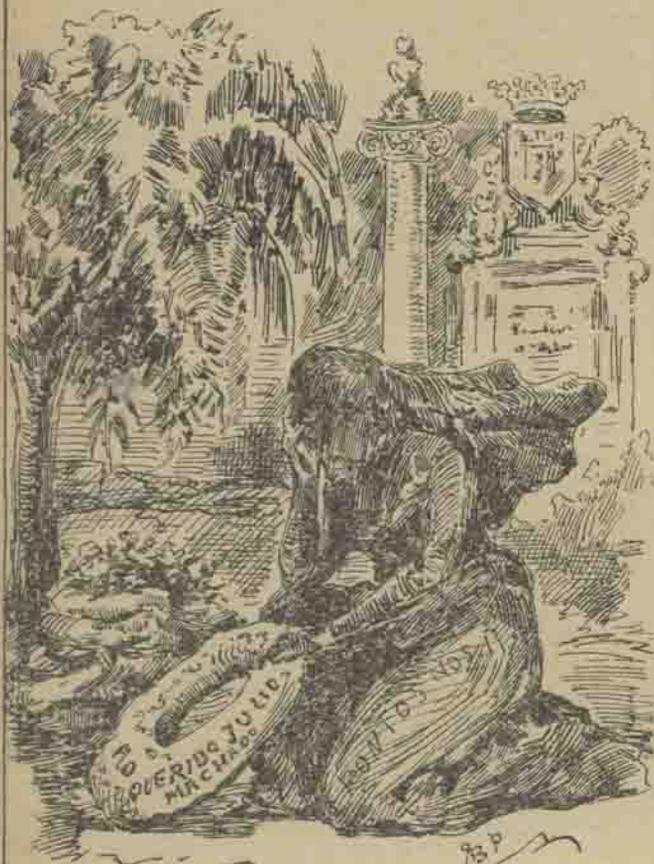
E' pasmosa e fatidica, sob este calmo ceu d'occidente, a jornada de janeiro. Escriptores e artistas vão indo, para a guarida suprema, enquanto a patria agonisa sob a pata d'um monstro que a devora: e no oriente nenhum rasgão de luz se alarga, por onde escortinar uma nesga risonha do futuro. Meu Deus, porque modo sorrir e ser alegre, n'esta epocha d'angustias e de duvidas, em que do dia de hontem apenas tomba lama, que virá confundir-se, quem sabe, com o sangue vertido no dia d'amanhã?! Estes se foram a tempo de não assistirem á espição tremenda da patria, que ao mais velho haveria sustado o rir bocagiano, e feito soffrer ao mais novo uma tortura nova, d'envolta com tantas outras, tão grandes, que o obrigaram a cortar as arterias dos pulsos. — De Francisco Palha se poderia dizer que foi um grego do tempo de Aristophanes, assistindo ao banquete da vida coroado de rosas, a bocca humida, a digestão repleta, o riso largo, a face prospera, mas tendo sempre os olhos fitos no dever.

Nenhum como elle ainda soube atirar a ironia a cimos mais altivos, e a desferil-a de lá sobre os adversos, em saraivadas olympicas de coriscos. Poeta, tinha retravos amaros de Tolentino, por entre as nudezas eroticas de Bocage: e por vezes, serpejante, o favo lyrico d'um amoroso platonico que se recorda alguma vez de ter amado. . . Em Julio Machado, a verve derivava d'um manancial de vida limpida: era uma coisa placida e vivida, familiar d'entono, e jámais levando o humorismo além d'uma inofensiva beliscadura.

Pela sua historia litteraria, este homem tinha um sanctuario no coração do illustrador d'este jornal; e de todos os trabalhos que os dois emprehenderam de collaboração, almanachs, narrações, estudos de costumes, sempre o espirito d'ambos se entrelaçou n'um unisono d'arte por tal fórma fraterno, que percorrendo alguns d'esses volumes, não se sabia bem onde acabava a factura de Julio Machado, para entrar em scena o lapis de Raphael Bordallo.

IREAN.

Para erigir um monumento funebre
a Julio Machado



Alguns intimos do saudoso humorista, cuja vida risonha, despreocupada e pura, vem de desfechar pela mais horrorosa tragedia, lembraram-se de levantar no alto de S. João, um pequeno sepulchro, artistico e simples, onde condignamente, entre marmores, durmam em paz esses queridos restos: em termos que possam ir deixar-lhe uma rosa, todas as primaveras, os muitos que amaram e sorriram relemendo a obra d'elle, tão portugueza e tão facil. Para dar corpo pratico á ideia, organisou-se um grupo d'amigos, que recrutará subsidios, por todas as formas viaveis, a primeira das quaes é as subscrições abertas nos periodicos.

Correspondendo pois ao apello que nos foi feito, e de que haveriamos tomado a iniciativa, como amigos intimos do saudosissimo folhetinista, resolvemos abrir no nosso jornal uma lista d'inscrição, onde virão pôr o seu nome todos aquelles que quizerem collaborar n'esta homenagem a Julio Cesar Machado. E para começo

DE RAPHEL BORDALLO PINHEIRO (além da offerta gratuita do esboço em barro, para o monumento que se projecta)	9\$000
Manoel Gustavo Bordallo Pinheiro	2\$250
João Chagas	2\$250



ESTATUA DE CAMÕES



Passou-se um crepe de roda do pedestal da estatua de Camões, em cujas facetas foi collada uma inscrição cheia de fogo patriotico, que exaltamos e sinceramente applaudimos. Somente o crepe deveria ter coberto a estatua inteira, revestindo o poeta, e cahindo, como um choro da alma heroica que elle incarna, té envolver as figuras de pedra que vão de roda ao pedestal. A homenagem de d'ôr nacional, para ser completa, deveria traduzir-se, desde hoje, não mais em manifestações de rua, que os farcistas e os garotos podem começar já a polluir com toda a especie de grotescos, mas em factos praticos, firmes, implacaveis, que todos devemos pedir ás classes poderosas, a começar pela nobre classe commercial, que em breve trexo pôde, se pozér o patriotismo mais alto do que o interesse, defraudar a Inglaterra em algumas dezenas de milhar de contos annuaes.

Começam já os exemplos de repulsa, por esta unica via de magua para a canalha britanica, por banda d'alguns commerciantes de Lisboa e Porto, cujo nome todos devemos archivar, como de patriotas denodados. Succeda o que succeder, condensem os n'este odio ao inglez, todos os haustos d'alma que tivermos, e seja o 11 DE JANEIRO DE 1890 d'aqui por deante, uma data em que nenhum portuguez possa pensar, sem revolver uma navalha na algibeira.



No proximo numero publicaremos um agradecimento aos operarios das Caldas. A absoluta falta de espaço intibe-nos de manifestar desde já a esses honestos trabalhadores o nosso reconhecimento pela recepção com que ali nos honraram.

SUBSCRIÇÃO NACIONAL

Um grupo de patriotas acaba de nos enviar o apelo que em seguida publicamos. É inútil acrescentar que adherimos a essa idéa generosa com todo o fervor e que collocamos desde já as columnas d'este jornal ao seu serviço.

Alguns portuguezes feridos pelo desastre que o nosso paiz acaba de soffrer, mercê das prepotencias inglezas e do estado de decadencia da nossa marinha de guerra, tiveram idéa de fazer um apello unanime e supremo a todos os filhos de Portugal, o qual será formulado em detalhe, por via de um grande manifesto ao paiz, onde —exposta a exiguidade dos nossos meios de resistencia por via maritima, e a imperterivel necessidade de os levantar á altura de que tanto ha mister um paiz, que embora pequeno é ainda hoje a primeira potencia colonial africana— se supplicará a todos os portuguezes, longe ou perto elles estejam, e por grandes ou pequenos sejam os seus haveres, collaborem n'uma grande subscrição nacional, abrangendo todos, desde o capitalista até ao mendigo, a qual tenha por fim adquirir ou facultar a aquisição de toda a especie de meios maritimos de defeza que nos ponha ao abrigo das prepotencias dos piratas do mar, que d'outro direito não sabem senão do que vomitam as guelras dos canhões.

Levar-se-ha este manifesto ao interior das nossas provincias, cidades, campos e aldeias, pedindo a todas as camaras municipaes lhe dêem curso pratico, a todos os parochos que se sirvam lê-lo á missa conventual, a todos os proprietarios e chefes de familia se dignem tomal-o em conta, e a todos os portuguezes, em fim, emigrados, dispersos e ausentes pelo mundo, lhe não deixem de prestar auxilio, recolhendo donativos de todas as mãos generosas, em termos que n'um decurso breve o paiz possa estar precavido contra todas as eventualidades de futura pirataria.

A commissão espera, com fé ardente, de todos os portuguezes—*mas de todos!*—que não deixem de auxiliar esta idéa patriótica de meia duzia de homens que acima de tudo adoram o seu paiz, e fazem votos pelas suas prosperidades.

As camaras municipaes, direcções de bancos, redacções de jornaes, sedes de companhias, presbyterios e grandes capitalistas, ou casas de credito, etc., que por sua situação possam offerecer aos subscriptores as mais solidas garantias de confiança, na execução pratica da idéa aventada, constituirão outras tantas thesourarias para a recepção dos donativos de cada qual.

Espera-se que todos os jornaes de provincia auxiliarão a idea, dando toda a publicidade a esta noticia, e publicando assim o manifesto que posteriormente lhes será enviado.

The fierce little portuguese

(SALISBURY (para Wolseley)—*Ponha-me esse macaco em cima d'uma cadeira, Wolseley, a vêr a vista que faz*)



O MOONSHINE, jornal de caricaturas de Londres—uma especie de *Punch* com peor aguardente —dá-nos de presente a gentileza que acima reproduzimos, e que nos põe de macacos trajando de generaes Bouns, entre um estadista pulha, e um bandoleiro general. Como ironia, é pesado e tosco: como desforço d'imprensa, é pedantesco. O humor politico da Gran-Bretanha cheira a vomito. Isto nos relevava de que o humor portuguez, ao referir-se á Inglaterra, cheira a... outra coisa.

Na Esplanada do Castello de S. Jorge

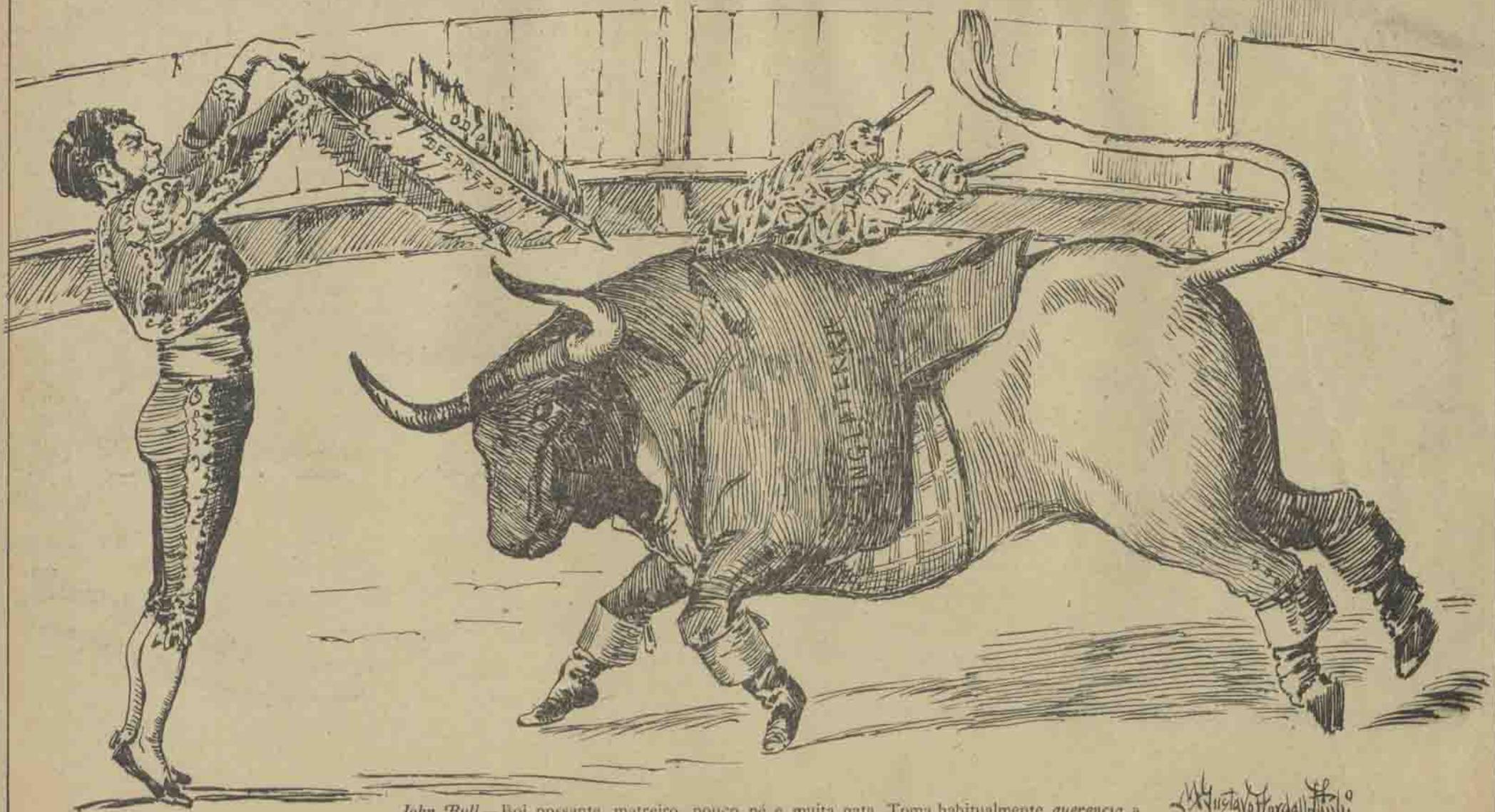


(Scena v. do 1.º acto do HAMLET, traducção d'el-rei D. Luiz.)
A SOMBRA — Vinga a sua morte causada por um assassino, cobarde, infame e nefando.

HAMLET — Um assassino, senhor?
A SOMBRA — Infame! todos os assassinos o são, mas nunca houve nenhum mais infame, inaudito e horrendo do que este.

ATRAZ DE MIM VIRÁ, QUEM BOM ME FARÁ

DIPLOMACIA DE FERROS CURTOS



John Bull — Boi possante, matreiro, pouco pé e muita pata. Toma habitualmente *querencia* a porta d'Africa, d'onde ha muitos annos anda a ser enxotado pelo pampilho do abegão Portugal.

Na impossibilidade de o pegar de cara, por dar *derrotes*, Zé Povinho despe a jaleca do forceado e enverga o traje de Minuto para o bandarilhar a *quarteiro*, com os ferros do seu desprezo. O couro é duro mas fura-se: Sangrado no cachaço deita vinho do Porto e *Wisky*.

Gustav Doré delin.

ENTRE A FACA E A PAREDE

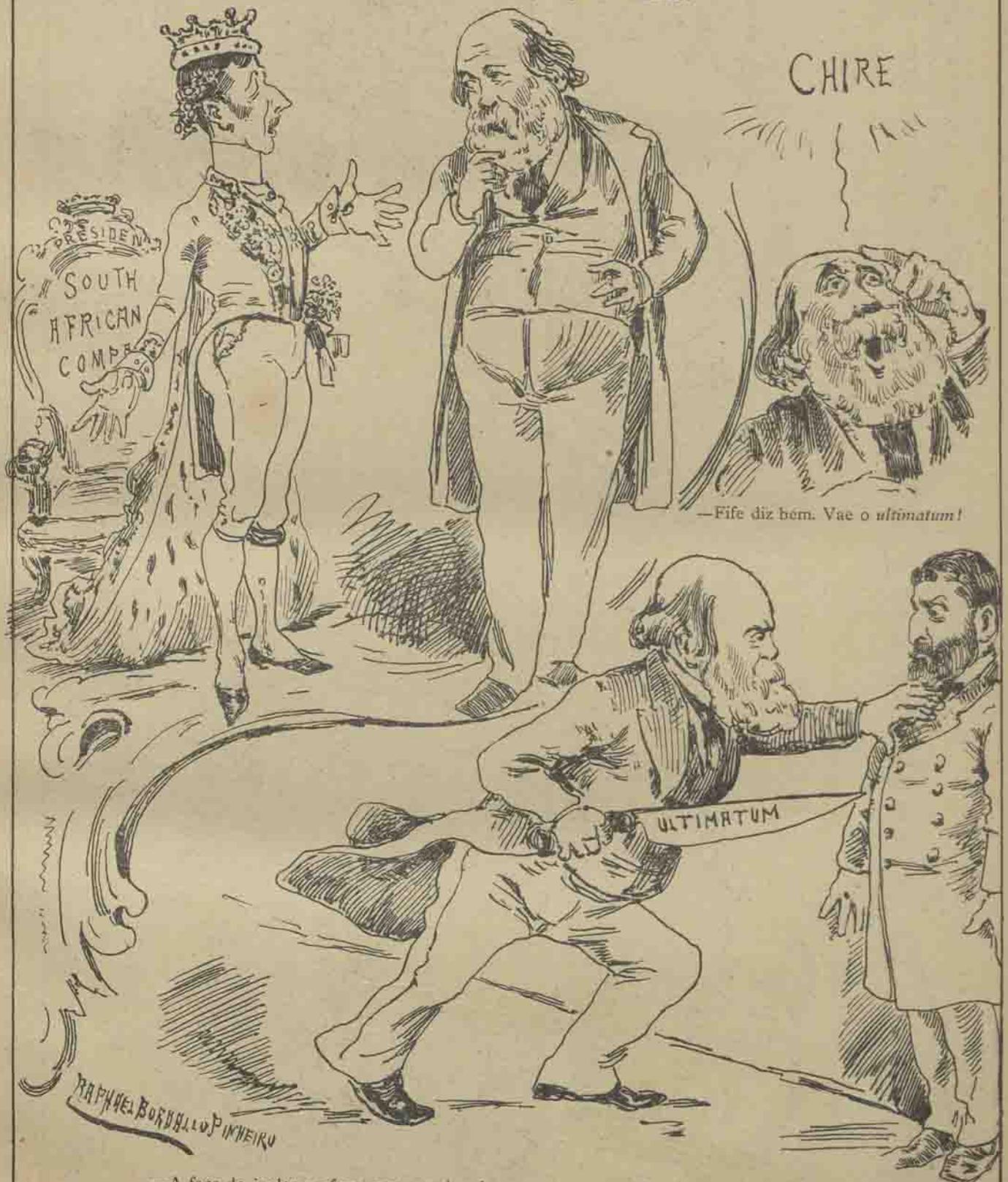
— Mylord, Vossa Excellencia sabe que o parlamento inglez me recusou dotação, allegando o facto da princeza minha noiva, nunca dispensa o dote. *Time is love*. Ha porém um meio de tudo conciliar.

— O senhor conde de Fife dirá.

— Sou um dos maiores accionistas da companhia ingleza dos lagos, e essa só pode prosperar, chamando seus aos terrenos que Serpa Pinto occupou, em nome de Portugal. Porque nos não dá o governo esse bocado?

— Seria roubar um paiz, nosso aliado.

— Mas em tal caso, se não é para os expoliar, para que diabo quer a Inglaterra os aliados?



— A faca do inglez perfura, mas a pedra do portuguez contunde: e palavra, apesar do que fiz, eu preferia bem a faca dos estranhos, á injustiça dos meus.

A BOLSA OU A VIDA



JÁ QUE ELLE NOS QUER TIRAR A VIDA
ATTAQUEMOS-LHE NÓS A BOLSA

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO